



Diego Asencio fez exercício de futurologia para os empresários

“Idade de Ouro está no fim”

— O mundo vive hoje uma Idade de Ouro que talvez seja lembrada no futuro com nostalgia — disse ontem o Embaixador dos Estados Unidos, Diego Asencio, ao fazer um exercício de futurologia sobre as perspectivas mundiais até o ano 2020, em breve pronunciamento feito durante almoço no Hotel Glória, realizado em sua homenagem pelas classes empresariais do Rio de Janeiro.

De acordo com Asencio, que é do signo de Câncer e tem o físico do futurólogo Herman Khan — “mas só o físico”, como ele mesmo comenta — se os países em desenvolvimento e os países industrializados não se auxiliarem mutuamente procurando aperfeiçoar o diálogo Norte-Sul, e se os governos dos países desenvolvidos não tentarem a todo o custo evitar uma guerra nuclear, as perspectivas para os próximos anos são as mais negras possíveis.

Em seu discurso, o Embaixador dos EUA citou um artigo da revista **The Futurist (O Futurista)**, editada em 1978, em que é assinalado que o homem parece seguir em direção a um calamitoso juízo final, se não conseguir, a curto prazo, conter o rápido crescimento da população mundial e deter a capacidade industrial em expansão. Os recursos naturais da Terra se esgotarão e o ambiente ficará contaminado.

Uma nova tecnologia, explicou, é necessária porque não é mais possível empregar a tecnolo-

gia atual, que representa o custo de 30 mil dólares, para a criação de um emprego nos Estados Unidos, e a monstruosa soma de um quadrilhão de dólares, a preços atuais, caso se queira obter o mesmo nível de desenvolvimento perseguido nos Estados Unidos, após o ano de 1940. O PNB dos Estados Unidos, em 1982, aliás, informou ele, foi de quase 3,1 trilhões de dólares e o do Brasil, no mesmo ano, de 277 bilhões de dólares.

A outra saída para evitar o “fim do mundo” seria de que os países gananciosos dividirem seus ganhos com os países em desenvolvimento, hipótese, no entanto, que considera tão pouco provável como a de melhorar o perfil de distribuição de renda dentro de cada país. Há, também, o meio revolucionário, ou seja, “poderiam ocorrer revoluções nas democracias ocidentais, que os críticos dizem não ser tão democráticas assim, mas infelizmente o recorde de generosidade das sociedades revolucionárias é muito mais pobre do que o das sociedades tradicionais, sendo melhor, portanto, procurar novas saídas.

E a melhor saída, para Diego Asencio, está em um mundo que encoraje novas tecnologias e usos de novas energias — hidrogênio, por exemplo — e que busque formas mais baratas de inversão de capital.